

Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma arqueologia dos conceitos e o lugar ocupado por Foucault

Ramon Taniguchi Piretti Brandão¹

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo e graduado em Ciências Sociais, Brasil. E-mail: ramonbrandao41@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo busca delimitar os horizontes teóricos que possibilitaram a emergência da tradição estruturalista e pós-estruturalista no pensamento crítico ocidental. Olharemos para este objeto a partir de uma ótica foucautiana, tentando responder em paralelo qual é o lugar que o filósofo francês ocupa e quais suas posições acerca de ambas as prerrogativas.

Palavras-chave: Estruturalismo, pós-estruturalismo, Foucault, pensamento crítico.

Structuralism and post-structuralism: an archeology of the concepts and the place occupied by Foucault

ABSTRACT: The present article seeks delimit the theoretical horizons that enable the emergency of the structuralist and post-structuralist theory in the western critical thinking. We will look at this object from the Foucault's point of view, trying to answer in parallel what place that French philosopher occupies and what their positions about both prerogatives.

Keywords: Structuralism, post-structuralism, Foucault, critical thinking.

O presente artigo busca delimitar os horizontes teóricos que inauguram a tradição estruturalista e, posteriormente, a tradição pós-estruturalista no contexto do pensamento crítico. Cabe dizer que os interesses aqui expressados não objetivam uma reflexão conclusiva, mas, antes, uma reflexão introdutória que possa contribuir com o debate.

Foucault afirma que o estruturalismo é um tipo de pensamento formal e que, fora dos domínios da linguística ou da mitologia comparada, poucos autores saberiam dizer exatamente o que significa.

O que me surpreende no que se chamou de movimento estruturalista na França e

na Europa Ocidental por volta dos anos 60 é que ele era efetivamente um eco do esforço realizado em certos países do leste, e em particular na Tchecoslováquia, para se libertar do dogmatismo marxista. E, por volta dos anos 55 ou 60, enquanto em um país como a Tchecoslováquia a velha tradição do formalismo europeu do pré-guerra estava renascendo, viu-se surgir quase ao mesmo tempo na Europa Ocidental o que se chamou de estruturalismo – ou seja, do meu ponto de vista, uma nova forma, uma nova modalidade desse pensamento, dessa pesquisa formalista. Eis como eu situaria o fenômeno estruturalista, relocando-o nessa grande corrente do pensamento formal ([FOUCAULT, 2005, p. 308](#)).

Evidentemente, a posição crítica do autor não vem acompanhada de qualquer tipo de desprezo à teoria estruturalista e seus desdobramentos. Sempre se referindo ao estruturalismo enquanto um fenômeno formalista, Foucault demonstra sua importância e sua influência no pensamento crítico desde os acontecimentos de Maio de 1968. Vai além, afirma que o fenômeno foi “tão importante em seu gênero quanto o romantismo ou o positivismo do século XIX” (FOUCAULT, 2005, p. 309).

Desde o ano de 1945, principalmente França e por uma série de razões culturais e políticas, o marxismo constituía uma espécie de horizonte intransponível. Isso não impediu, como veremos, que alguns grupos intelectuais trabalhassem em alternativas de pensamento que não se submetessem à cultura predominante do freud-marxismo. Surgiram, por exemplo, alternativas Husserl-marxistas, ou seja, não mais a relação da psicanálise com o marxismo, mas da fenomenologia com o marxismo. Entre os estudiosos que apostaram na alternativa estão Merleau-Ponty, Sartre, Lyotard, Dufresne, e mesmo os intelectuais que não concebiam o marxismo como alternativa ideológica – mas que certamente não o ignorava – como Ricoeur.

De modo consequente, muito rapidamente após a referida tentativa de casar a fenomenologia com a teoria marxista, surgia na França o desenvolvimento de um *método estrutural* que, tão logo aceito, substituiria a fenomenologia para fazer par com o marxismo. A passagem da fenomenologia ao estruturalismo envolveu, dentre outras coisas, o problema da linguagem; ou melhor, tem a sua origem na *linguística estru-*

*tural*¹. Foucault, observando tais relações, afirmou:

O problema da linguagem veio à tona, e pareceu que a fenomenologia não era capaz de dar conta, tão bem quanto uma análise estrutural, dos efeitos de sentido que podiam ser produzidos por uma estrutura de tipo linguístico, escritura em que o sujeito no sentido da fenomenologia não intervinha como aquele que confere o sentido. E, muito naturalmente, estando a esposa fenomenológica desqualificada por sua incapacidade de falar da linguagem, o estruturalismo tornou-se a nova noiva (FOUCAULT, 2005, p. 311).

Assim, em meio a este contexto, mesmo a psicanálise que naquele momento estava sob a notável influência de Lacan, fez aparecer um problema que, apesar de muito distinto do anunciado pelos circuitos da linguagem, não deixava escapar uma sutil analogia a ele; “O problema era precisamente o inconsciente, o inconsciente que não podia ser encaixado em uma análise de tipo fenomenológico” (FOUCAULT, 2005, p. 311). A prova disso, nos aponta Foucault, é o fato de que tanto Merleau-Ponty quanto Sartre tentaram reduzir, incessantemente, o positivismo, o mecanicismo ou “o coisismo de Freud em nome da afirmação de um sujeito constitutivo” (FOUCAULT, 2005, p. 311).

Ferdinand de Saussure, linguista suíço, possui uma obra – que é, na verdade, a publicação de seus cursos a partir de transcrições de suas aulas – que leva o nome *Cours de Linguistique* (SAUSSURE, 1971). Nele, o autor concebe a linguagem como um siste-

¹ Fundada, principalmente, por Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson.

ma de significação. Tal livro serviu de base para o desenvolvimento do estruturalismo do século XX. Saussure via os elementos da linguagem de forma relacional, diferindo, então, sua abordagem “científica” ou “sincrônica” de estudos diacrônicos e históricos das línguas que, até então, predominavam².

[Lévi-Strauss \(2008\)](#), por sua vez, afirmaria mais tarde que as ciências sociais devem ser capazes de formular questões, de formular “relações necessárias” e que, com o estruturalismo, novas perspectivas se abrem para a investigação. Deste modo, o método permite que o antropólogo estude sistemas de parentesco da mesma forma que o linguista estuda fonemas, ou seja, eles só adquirem essa significação sob a condição de se integrarem em sistemas. Os sistemas de parentesco, portanto, assim como os sistemas fonológicos, “são elaborados pelo espírito no estágio do pensamento inconsciente” ([STRAUSS, 2008, p. 13](#)). Em 1961, em uma conferência no *Collège de France*, Lévi-Strauss reconheceria sua dívida com Saussure e definiria a antropologia estrutural como um ramo da semiologia.

Ele – Lévi-Strauss – define o método estrutural a partir da declaração de Nikolai [Trubetzkoy \(1973\)](#) (membro da Escola linguística de Praga), autor da obra *Princípios de Fonologia*:

² Em seus estudos, Saussure distinguia o ato de falar, os “os eventos de fala” do sistema formal de linguagem que governava os eventos de fala. O autor estava interessando, portanto, nas funções dos elementos linguísticos e não em sua causa, como a maioria dos estudiosos do período. A palavra, para ele, era definida como sendo um signo que se formava por um conceito e um som. Em outras palavras, formava-se por um significado e um significante. Cabe dizer, ainda, que para o autor nenhum deles era a causa do outro, mas que, antes, eles se relacionavam em funcionalidade; um dependia do outro.

Em primeiro lugar; a fonologia linguística estrutural passa do estudo dos fenômenos linguísticos *conscientes* para o estudo de sua infraestrutura *inconsciente*; em segundo lugar, ela se recusa a tratar os *termos* como entidades independentes, tomando, ao contrário, como base de sua análise as *relações* entre os termos; em terceiro lugar, ela introduz a noção de *sistema*; finalmente, ela visa à descoberta das *leis gerais*, quer encontradas por indução, quer deduzidas logicamente ([STRAUSS, 2008, p. 45](#)).

Aliás, foi o linguista russo Roman Jakobson que primeiramente usou, em 1929, o termo *estruturalismo*. Ao usá-lo, o autor buscava designar “uma abordagem estruturo-funcional de investigação científica dos fenômenos, cuja tarefa básica consistiria em revelar as leis internas de um sistema determinado” ([PETERS, 2000, p. 22](#)). Jakobson expressava seu programa da seguinte forma:

Se tivermos que escolher um termo que sintetize a ideia central da ciência atual, em suas mais variadas manifestações, dificilmente poderemos encontrar uma designação mais apropriada que a de *estruturalismo*. Qualquer conjunto de fenômenos analisados pela ciência contemporânea é tratado não como um aglomerado mecânico, mas como um todo estrutural, e sua tarefa básica consiste em revelar as leis internas – sejam elas estáticas, sejam elas dinâmicas – desse sistema. O que parece ser o foco das preocupações científicas não é mais o estímulo exterior, mas as premissas internas do desenvolvimento: a concepção mecânica dos processos cede lugar, agora, à pergunta sobre suas funções ([PETERS, 2000, p. 22](#)).

Podemos afirmar que o autor fez a declaração após o sucesso de sua proposta no Primeiro Congresso Eslavo Internacional de Praga. Deste modo, o autor sugere que o círculo linguístico de Praga está estreitamente ligado tanto às correntes da linguística ocidental quanto às correntes da linguística russa.

Em contrapartida, devemos observar que Jakobson e Saussure definem diferentes teorias da estrutura da linguagem, apesar de serem considerados os pais fundadores do estruturalismo contemporâneo. Jakobson considerava demasiadamente abstrata e um tanto estática as formulações de Saussure. “Este autor tratava as formulações dicotômicas do outro de uma forma dialética, insistindo em uma situação de sincronia dinâmica, a estreita relação entre forma e significado” (WAUGH; MONVILLE-BURSTON, 1990, p. 09).

Foi neste mesmo momento, ou seja, o momento em que as questões relacionadas à linguagem foram colocadas, que Lacan afirmaria: “Por mais que vocês [se referindo aos autores da fenomenologia] se esforcem, o inconsciente tal como ele funciona não pode ser reduzido aos efeitos de atribuição de sentido dos quais o sujeito fenomenológico é capaz” (LACAN apud FOUCAULT, 2005, p. 311). Assim sendo, ficou claro que Lacan propunha uma questão absolutamente simétrica à questão dos linguistas.

O sujeito fenomenológico era, pela segunda vez, [agora] pela psicanálise, desqualificado, tal como o fora pela teoria linguística. E compreende-se bem por que Lacan pôde dizer nesse momento que o inconsciente era estruturado como uma linguagem: tanto para uns como para os outros, tratava-se do mesmo tipo de pro-

blema (FOUCAULT, 2005, p. 311-312).

Houve, a partir dali, um movimento que aliava o marxismo tanto ao estruturalismo quanto à psicanálise freudiana. A fenomenologia ficava, pois, formalmente descartada. Mais tarde, Lévi-Strauss descreveria seu método antropológico por meio da noção central de estrutura inconsciente:

Se, como cremos, a atividade inconsciente do espírito consiste em impor formas a um conteúdo, e se as formas são fundamentalmente as mesmas para todos os espíritos, antigo e moderno, primitivo e civilizado [...] é preciso e basta atingir a estrutura inconsciente, subjacente a cada instituição ou a cada costume, para obter um princípio de interpretação válido para outras instituições e outros costumes (PETERS, 2000, p. 23).

Com isto, Lévi-Strauss sugere que podemos chegar à estrutura inconsciente por meio do emprego do *método estrutural* que anteriormente fora desenvolvida pela linguística estrutural. Argumenta, também, que a fonologia (leia-se “linguística estrutural”) “não pode deixar de desempenhar perante as ciências sociais o mesmo papel renovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou no conjunto das ciências exatas” (STRAUSS, 2008, p.45).

Lévi-Strauss conheceu a proposta estruturalista em meados de 1940, na New School for Social Science Research. Conheceu-a, na ocasião, por Jakobson e, poucos anos mais tarde, em 1945, publicaria um artigo – em uma revista que pertencia ao próprio Jakobson – no qual relacionava a linguística estrutural com a etnologia. Cabe dizer, ainda, que o artigo publicado na revista se tornaria um dos primeiros capítulos da obra

Antropologia Estrutural, publicada em 1958 e que reunia uma coleção de artigos escritos por Lévi-Strauss do ano de 1944 até o ano de 1957.

Por conseguinte, após a publicação de *Antropologia Estrutural*, a chamada “revolução estruturalista” floresce na França em meados dos anos 60. Roland Barthes publica sua obra *Mythologies* em 1957 e, seguidamente, torna-se *Directeur d'études* em “sociologia dos signos, dos símbolos e das representações” da *École des Hautes Études*; Foucault publica *Folie et déraison: histoire de la folie à l'âge classique*, em 1961; Louis Althusser, convidando Jacques Lacan a proferir seu seminário na *École Normale*, inicia um interessante e muito produtivo diálogo entre o marxismo e a psicanálise que, posteriormente, em 1966, culminaria na publicação do livro *Pour Marx*, do próprio Louis Althusser e, assim sucessivamente (DOSSE, 1997).

Já no final da explosão estruturalista na França, Jean Piaget – o epistemólogo – publica seu livro intitulado *Le structuralisme* (1968), que também nos é bastante útil na busca por uma definição do estruturalismo³:

Em uma primeira aproximação, podemos dizer que uma estrutura é um sistema de transformações. Na medida em que é um sistema e não uma simples coleção de elementos e de suas propriedades, essas transformações envolvem leis: a estrutura é preservada ou enriquecida pelo próprio jogo de seus leis de transformação

que nunca levam a resultados externos ao sistema nem empregam elementos que lhe sejam externos. Em suma, o conceito de estrutura é composto de três ideias-chave: a ideia de totalidade, a ideia de transformação e a ideia de auto-regulação (PIAGET, 1971, p. 05).

Acerca da totalidade pensada por Piaget, sua composição emerge da distinção do que o autor chamou *estruturas* e *agregados*. Consideravam-se apenas as *estruturas* como totalidades, enquanto os *agregados* são compostos por elementos independentes aos complexos nos quais eles compõem. Piaget afirma que “os elementos de uma estrutura estão subordinadas a leis e é nos termos dessas leis que a estrutura *qua* totalidade ou sistema é definida” (PIAGET, 1971, p. 07).

Sendo assim, a natureza do “todo estrutural” depende de suas leis de composição; leis que, por sua vez, determinam as transformações do sistema, sejam elas matemáticas ou temporais. Já no caso das auto-regulações, Piaget diz implicar tanto uma automanutenção quanto um fechamento. Isso acarretaria, segundo o autor, em três mecanismos básicos de auto-regulação: “ritmo (como em biologia), regulação (no sentido cibernético) e operação (no sentido da lógica)” (PETERS, 2000, p. 25).

Mais tarde, Piaget discutiria a questão que relaciona o estruturalismo à dialética. Afirmaria que, “na medida em que se opta pela estrutura e se desvaloriza a gênese, a história e a função ou até mesmo a atividade do próprio *sujeito*, não se pode deixar de entrar em conflito com os princípios centrais dos modos dialéticos de pensamento” (PETERS, 2000, p. 25).

³ Cabe dizer, ainda, que o livro foi publicado em um contexto onde o estruturalismo já havia se identificado com atitudes políticas arcaicas; muitos interpretam os eventos de Maio de 1968 como sendo uma refutação crítica que o movimento estruturalista fazia ao humanismo burguês.

O autor entraria, ali, em uma discussão que envolveria, principalmente, Lévi-Strauss e Sartre, concluindo em seguida que não poderia existir qualquer conflito inerente entre o estruturalismo e a dialética. Iria além, diria que o livro de Michel Foucault “*As Palavras e as Coisas*” era – ou soava – como um “estruturalismo sem estruturas”, onde afirmava não ser possível a existência de um “estruturalismo coerente à parte do construtivismo” ([PETERS, 2000, p. 135](#)).

Piaget afirma corretamente que, ao invés de Foucault postular estruturas como diziam alguns autores, o autor falava, na verdade, de *epistemes* que estavam ligadas à linguagem e que, sendo assim, “as ciências humanas não passam de resultados de mutações de *epistemes* que se seguem umas às outras no tempo, sem qualquer sequência pré-ordenada ou necessária” ([PETERS, 2000, p. 26](#)). Sendo assim, essa arqueologia das ciências humanas decreta o fim do homem. Piaget discorda de Foucault neste aspecto, argumentando que

As ‘estruturas’ não mataram o homem, nem aniquilaram as atividades do sujeito. [...] Em primeiro lugar, convém distinguir entre o sujeito individual [...] e o sujeito epistêmico [...]. Em segundo lugar, é preciso separar a tomada de consciência, sempre fragmentária e, com frequência deformante, daquilo que o sujeito consegue *fazer* em suas atividades intelectuais: dessas últimas ele conhece apenas seus resultados, mas não seus mecanismos ([PIAGET, 1971, p. 139](#)).

Trago à tona a entrevista que Foucault concedeu e no qual deixa evidente que, à parte dos autores que usaram o método estruturalista no campo da linguística e na mitologia comparativa, poucos – ou ne-

nhum – dos protagonistas do movimento estruturalista na França sabiam muito bem o que estava em jogo.

Enfatizei inicialmente que, no fundo, no que se refere ao que foi o estruturalismo, não somente – o que é normal – nenhum dos atores desse movimento, mas também nenhum daqueles que, por vontade ou à força, receberam a etiqueta de estruturalista sabiam exatamente do que se tratava. Certamente, aqueles que aplicavam o método estrutural em domínios muito precisos, como a linguística, a mitologia comparada, sabiam o que era o estruturalismo, mas, desde que ultrapassavam esses domínios muito precisos, ninguém sabia ao certo o que isso era ([FOUCAULT, 2005, p. 307](#)).

Ademais, as investigações estruturalistas convergiam em um único aspecto com a proposta de Foucault – e, mais tarde, com as investigações pós-estruturalistas; opunha-se à concepção filosófica que afirmava teoricamente uma primazia do sujeito. Questão esta que, como se sabe, havia sido dominante na França desde a época de Descartes e que, posteriormente, havia servido

De postulado fundamental para uma ampla gama de abordagens filosóficas, dos anos 30 aos 50, incluindo o existencialismo fenomenológico, ‘uma espécie de marxismo às voltas com um conceito de alienação’ [...], e as tendências no campo da psicologia que negam o inconsciente. ([PETERS, 2000, p. 27](#)).

Aliás, para que a questão acerca da posição do autor desde agora fique clara, quando questionado em uma das entrevistas sobre seu método ou sobre a tradição críti-

ca da qual fazia uso, o autor francês foi pontual: “Nunca fui freudiano, nunca fui marxista e jamais fui estruturalista” (FOUCAULT, 2005, p. 312); seu horizonte e principal referência na teoria crítica da segunda metade da década de 1950 e década de 1960 foi o filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Autor que, por sua vez, representaria uma experiência crucial na abolição do ato fundador do sujeito.

Enquanto percebo claramente que, atrás do que se chamou de estruturalismo, havia um certo problema, que era em geral o do sujeito e o do remanejamento do sujeito, não vejo, nos chamados pós-modernos ou pós-estruturalistas, que tipo de problema lhes seria comum (FOUCAULT, 2005, p. 323).

Outro ponto de fundamental importância acerca das posições do autor: Foucault foi, por vezes, “acusado” de menosprezar o marxismo. Suas posições acerca da teoria marxiana eram questões bastante locais; eram todas elas concernentes às relações do autor com o partido comunista francês – partido que, naquele momento, possuía inclinações stalinistas – e ao domínio filosófico de um marxismo existencialista, durante os anos de 1940 e 50.

Na verdade, o marxismo estruturalista althusseriano teve uma enorme influência sobre a geração de pensadores que nós agora chamamos de ‘pós-estruturalistas’ e cada um deles, à sua própria maneira, acertou suas contas com Marx: vejam-se, por exemplo, as *Observações sobre Marx* (1991) que Foucault fez em entrevista com o marxista italiano Duccio Trombadori; ou os *Espectros de Marx*, de Derrida (1994); ou a tese da mercantilização ‘mar-

xista’ no livro de Lyotard, *A condição pós-moderna*. No período que antecedeu sua morte, Deleuze estava escrevendo um livro sobre Marx – ele se via, claramente, como um tipo de marxista (PE-TERS, 2000, p. 27).

Fala-se que as diversas leituras e interpretações de Nietzsche foram fundamentais para a emergência do pós-estruturalismo; sobretudo a leitura feita por Martin Heidegger que, posteriormente (principalmente nas décadas de 60, 70 e 80), influenciariam não somente Foucault, mas, também, autores como Deleuze, Derrida, Klossowski, Koffman, etc. Mesmo Sartre partiu de Nietzsche para poder chegar à fenomenologia. Seu primeiro escrito, quando ainda era um estudante, chama-se *La légende de la vérité*, publicado em 1931 mas escrito em 1929. Ele havia, assim como Foucault, partido de um mesmo problema, mas sua abordagem acabou por se voltar da história da verdade à fenomenologia.

Meu problema é a relação do si consigo e do dizer verdadeiro. Minha relação com Nietzsche, o que devo a ele, eu devo muito aos seus textos do período de 1880, nos quais a questão da verdade e a história da verdade e da vontade de verdade eram para ele centrais (FOUCAULT, 2005, p. 321).

Não obstante, o chamado pós-estruturalismo se caracterizou, sobretudo, como sendo um modo de pensamento, “um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade” (PETERS, 2000, p. 28).

De forma mais geral, podemos dizer que

o termo é um rótulo utilizado na comunidade acadêmica de língua inglesa para descrever uma resposta distintivamente filosófica ao estruturalismo que caracterizava os trabalhos de Claude Lévi-Strauss (antropologia), Louis Althusser (marxismo), Jacques Lacan (psicanálise) e Roland Barthes (literatura) ([PETERS, 2000, p. 28](#)).

Alguns autores – como o caso do filósofo alemão Manfred Frank – preferem o uso outros termos. Neoestruturalismo, por exemplo, é um dos termos utilizados e que, ao contrário de sugerir algo que venha após o estruturalismo – como, por vezes, acontece nas interpretações acerca do que seja o “pós-estruturalismo” – propõe uma continuidade com relação ao mesmo ([PETERS, 2000, p. 28](#)).

O que deve interessar é que o pós-estruturalismo, neo-estruturalismo ou super-estruturalismo ([HARLAND, 1987](#)), mais que sua denominação, são críticas feitas por dentro do próprio estruturalismo, ou seja, são argumentos de certa forma estruturalistas feitos ao próprio estruturalismo e que, por fim, ilustram certas inconsistências que são fundamentais em seu método - ou, nas palavras de John Sturrock: “inconsistências que os estruturalistas ignoram” (STURROCK apud [PETERS, 2000, p. 28](#)). Não pode ele, portanto, ser reduzido a um método, uma teoria ou a uma escola; talvez seja mais apropriado referir-se a ele como sendo um movimento de pensamento que inaugura um novo olhar e uma nova prática acerca da teoria crítica. Contudo, é importante pontuarmos que tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo possuem importantes convergências que anunciarei nas páginas seguintes.

Derrida, em ensaio intitulado *A estrutura*,

o signo e o jogo no discurso das ciências humanas, discute a questão do “descenramento”, distinguindo duas manifestações ou interpretações de estrutura: a primeira de inspiração hegeliana e exemplificada no trabalho de Lévi-Strauss, objetiva “decifrar uma verdade ou uma origem que escapem ao jogo e à ordem do signo”, buscando, conseqüentemente, certa “inspiração de um novo humanismo”. A segunda, “que já não está voltada para a origem, afirma o jogo e procura superar o homem e o humanismo” ([PETERS, 2000, p. 31](#)).

O humanismo, portanto, tentou colocar o sujeito no centro da análise e das teorias formuladas ao seu redor, vendo-o como a origem e a fonte do pensamento e da ação, enquanto a teoria estruturalista – sobretudo aquela que vinha de uma leitura althusseriana – via os sujeitos como simples portadores de estruturas.

Os pós-estruturalistas continuam, de formas variadas, a sustentar essa compreensão estruturalista do sujeito, concebendo-o, em termos relacionais, como um elemento governado por estruturas e sistemas, continuando a questionar também as diversas construções filosóficas do sujeito: o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e fenomenológico; o sujeito do existencialismo, o sujeito coletivo marxista ([PETERS, 2000, p. 31](#)).

Em contrapartida, o pós-estruturalismo pretende – devido à clara aproximação com Nietzsche – se filiar com um discurso de “crítica da verdade” e, conseqüentemente, enfatizando uma pluralidade de interpretação; “tanto filosófica quanto esteticamente, para que cada um supere a si próprio, em um processo de perpétuo autodevir” ([PETERS, 2000, p. 32](#)).

Tais temas filosóficos foram absolutamente incorporados pelos autores do pós-estruturalismo francês e reproduzidos de diversas formas. A questão nietzschiana de *vontade de potência* e sua consequente manifestação como vontade de verdade e vontade de saber foi um tema amplamente abordado por Foucault que, através da genealogia nietzschiana, buscou - fazendo uso de uma história crítica - resistir à busca por origens e essências e que, ao invés disso, se debruçou sobre questões relacionadas à *proveniência* e *emergência* de saberes e de verdades.

Mais um exemplo – acerca de Foucault – muito ilustrativo: é sabido que o autor, quando empregava o termo “arqueologia”, não se limitava a analisar algo deslocado do tempo, como sugeria alguns estruturalistas, mas, antes, ao contrário de estudar a história das ideias em sua evolução, em seu processo de evolução, o autor objetivava ver, por baixo das próprias ideias, como puderam emergir alguns objetos; objetos possíveis de conhecimento (como, por exemplo, o caso do louco). Perguntava o autor porque “a loucura tornou-se, em dado momento, um objeto de conhecimento correspondendo a um certo tipo de conhecimento” ([FOUCAULT, 2005, p. 320](#))? Usando, portanto, a palavra “arqueologia” ao invés da palavra “história”, o autor marca “essa decalagem entre as ideias sobre a loucura e a constituição da loucura como objeto” ([FOUCAULT, 2005, p. 320](#)).

Assim como Foucault, vários outros autores seguiram a mesma estratégia, atuando por novas perspectivas:

Ao analisar, por meio do uso de narrativas e da narratologia, a pragmática da linguagem, Lyotard demonstra a mesma

aversão que tinha Nietzsche pelas tendências universalizantes da filosofia moderna. Derrida, seguindo Nietzsche, Heidegger e Saussure, questiona os pressupostos que governam o pensamento binário, demonstrando como as oposições binárias sustentam, sempre, uma hierarquia ou uma economia do valor que opera pela subordinação de um dos termos da oposição binária ao outro, utilizando a desconstrução para denunciar, deslindar e reverter essas hierarquias. Deleuze (1983, original de 1962) fixa-se na diferença como elemento característico que permite substituir Hegel por Nietzsche, privilegiando os ‘jogos da vontade de potência’ contra o trabalho da dialética’ ([PETERS, 2000, p. 32](#)).

Todos os autores pós-estruturalistas, então, questionam a suposta universalidade do que chamaram “asserções de verdade”. Especificamente Foucault, neste contexto, vê a verdade como sendo um mero produto de regimes ou gêneros discursivos que tem seu próprio e irreduzível conjunto de regras para construir sentenças ou proposições bem formadas. Todos eles, seguindo a Nietzsche, questionavam o sujeito cartesiano-kantiano *humanista*, ou seja, “o sujeito autônomo, livre e transparentemente autoconsciente, que é tradicionalmente visto como a fonte de todo o conhecimento e da ação moral e política” ([PETERS, 2000, p. 32](#)).

Em contrapartida, todos esses pensadores descrevem o sujeito “nietzschiano” de acordo com sua complexidade histórica e cultural, ou seja, como um sujeito “descenrado” e totalmente dependente do sistema linguístico de seu contexto, um sujeito discursivamente constituído e posicionado na intersecção entre as forças libidinais e as práticas socioculturais.

Devemos compreender o pós-estruturalismo, no seu desenvolvimento no contexto histórico francês, tanto como uma reação quanto como uma fuga relativamente ao pensamento hegeliano. Essa reação ou fuga, para sintetizar a questão em termos deleuzianos, envolve, essencialmente, a celebração do ‘jogo da diferença’ contra o ‘trabalho da dialética’. O livro de Deleuze, *Nietzsche e a Filosofia*, representa um dos momentos inaugurais do pós-estruturalismo francês, em uma interpretação de Nietzsche que enfatiza o jogo da diferença, utilizando esse último conceito como o elemento central de um vigoroso ataque à dialética hegeliana ([PETERS, 2000, p. 32](#)).

Acerca das proximidades entre as duas vertentes de pensamento, podemos afirmar que o pós-estruturalismo partilha da opinião estruturalista tanto acerca da crítica da filosofia humanista do Renascimento quanto da emergência de um sujeito racional e autônomo do humanismo. O pós-estruturalismo, deste modo, converge com a teoria estruturalista no que diz respeito a uma posição de suspeita em relação ao privilégio concedido à consciência humana; caracterizado, sobretudo, na fenomenologia e no existencialismo. Eles – a fenomenologia e o existencialismo –, segundo Michael Peters, “sustentam [...] um ceticismo para com a concepção que vê a consciência humana como autônoma, como diretamente acessível e como a única base da compreensão e da ação” ([PETERS, 2000, p. 35](#)).

Deste modo, fica aparente a herança herdada por eles acerca da filosofia renascentista humanista, que tinha como pressuposto e existência de um eu estável, coerente, apreensível, capaz de desenvolver um co-

nhecimento sobre si próprio e sobre o mundo por meio da razão.

Tradição, portanto, que remonta a Bacon e Descartes e que enfatiza um conhecimento científico, produzido por um “eu” racional e dogmático e, conseqüentemente, que presumia fornecer verdades universais sobre o mundo, sendo considerado como única alternativa verdadeira, correta e benéfica à humanidade.

Não obstante, tanto o pós-estruturalismo quanto o estruturalismo efetuam um rigoroso ataque a preceitos universalistas da racionalidade, da autonomia, da individualidade, etc., que estão, todas, subjacentes ao sujeito do humanismo. Segundo Peters, os dois “representam, ambos, uma reação ao subjetivismo e à liberdade pessoal do existencialismo sartreano, bem como ao ativo papel histórico concedido por este último ao ego consciente” ([PETERS, 2000, p. 36](#)).

Deste modo, tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo sugerem uma interferência direta do contexto sócio-cultural na formação da autoconsciência, ao contrário das supracitadas vertentes que, por sua vez, pregam um autoconhecimento que nega o contexto externo ao sujeito e que bebe, sobretudo, do hegelianismo.

Para o pós-estruturalismo, a ênfase na autoconsciência absoluta e no seu suposto universalismo é parte integrante dos processos que tendem a excluir o Outro, ou seja, aqueles grupos sociais e culturais que agem de acordo com critérios culturais diferentes. Em vez de autoconsciência, o pós-estruturalismo enfatiza a construção discursiva do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a

localização histórica e cultural do sujeito (PETERS, 2000, p. 36).

Além disso, podemos observar, de modo geral, convergências acerca de uma compreensão teórica da linguagem e da cultura (que são, em ambos os casos, concebidos em termos de sistemas linguísticos e simbólicos nos quais as inter-relações entre elementos que os constituem são vistas como mais importantes do que os elementos considerados isoladamente).

O pensamento pós-estruturalista desenvolveu uma série de diferentes métodos e abordagens como, por exemplo, a arqueologia, a genealogia, a desconstrução, cada um dos quais funciona de acordo com sua própria lógica, mas, considerados em seu conjunto, eles tendem a enfatizar as noções de diferença, de determinação local, de rupturas ou descontinuidades históricas, de serialização, de repetição e uma crítica que se baseia na ideia de 'desmantelamento' ou de 'desmontagem' (leia-se 'desconstrução'). Essa postura relativamente ao significado e à referência pode ser interpretada como uma série de anti-realismo, isto é, uma posição epistemológica que se recusa a ver o conhecimento como uma representação precisa da realidade e se nega a conceber a verdade em termos de uma correspondência exata com a realidade (PETERS, 2000, p. 37).

No caso dos pós-estruturalistas, é clara a influência tanto de Jakobson quanto de Propp. Foi a partir deles que se puderam formular novas estratégias e abordagens para a análise de textos. Em particular, a teoria narrativa e a narratologia devem sua importância e popularidade aos modos es-

truturalistas e pós-estruturalistas de análise.

Outro ponto de convergência já comentado nas páginas anteriores, mas que também vale nova menção é o da relação das duas vertentes de pensamento com o inconsciente. Fala-se que tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo surgiram graças à análise de Freud acerca do inconsciente. Foi a partir da teoria freudiana que abalou a até então intocável visão filosófica fundamentada nas já citadas racionalidade e autotransparência do sujeito. Com a análise de Freud, tanto uma quanto a outra colocaria em cheque as distinções tradicionais entre a questão da razão e desrazão (mais especificamente a loucura). Principalmente no caso do pós-estruturalismo, grande parte de sua ênfase acerca do corpo, do desejo, da sexualidade, etc., deve-se às análises e inquestionável influência de Freud. Lacan, por exemplo, e a partir dos estudos feitos por Freud, faz uma leitura que enfatiza as condições estruturais e linguísticas que subjazem ao indivíduo como sujeito do desejo e da linguagem, ou seja, ele vê um eu que se forma em sua relação com a linguagem.

Enfim, fica evidente a nós que, depois deste breve levantamento acerca da formação tanto do estruturalismo quanto do pós-estruturalismo, é vasto o leque de referenciais nos quais se formam as duas vertentes de pensamento; sobretudo a pós-estruturalista, que é composta, inclusive, pelo estruturalismo.

Podemos destacar, assim, uma herança e uma tradição intelectuais que são comuns ao estruturalismo e ao pós-estruturalismo, uma herança e uma tradição que estão baseadas em Saussure, em Jakobson,

nos formalismos russos, em Freud e em Marx, entre outras influências. Essa história intelectual comum é como uma complexa rede, feita de muitos nós. Uma geração inteira de pensadores estruturalistas foi influenciada pelas interpretações existencialistas da *fenomenologia do espírito*, de Hegel, feitas por Alexander Kojève e Jean Hyppolite. O pós-estruturalismo foi fortemente influenciado pela crítica nietzschiana da verdade e pelo conceito nietzschiano de 'vontade de potência'; pela crítica heideggeriana da metafísica ocidental; pelo trabalho de Merleau-Ponty sobre o corpo; pela ética do outro de Emmanuel Levinas; pela leitura estruturalista de Freud, feita por Lacan; e pela leitura estruturalista de Marx, feita por Althusser ([PETERS, 2000, p. 38](#)).

Por fim, agora delimitando as inovações teóricas, podemos afirmar que, enquanto o estruturalismo se debruça sobre a análise sincrônica das estruturas, o pós-estruturalismo mostra um renovado interesse por uma história crítica, ao se concentrar na análise diacrônica, na mutação, na transformação e na descontinuidade das estruturas. O pós-estruturalismo, portanto, questiona a postura cientificista das ciências humanas; questiona, também, tanto o racionalismo quanto o realismo que a vertente estruturalista havia retomado do positivismo, adepta da capacidade potencial de transformação do método científico e questionando, além disso, a pretensão estruturalista de identificar as estruturas universais que seriam comuns a todas as culturas e à mente humana em geral.

As críticas pós estruturalistas ao estruturalismo estão, tipicamente, baseadas em suas teses fundamentais: (1) nenhum sis-

tema pode ser autônomo (auto-suficiente) da forma que o estruturalismo exige; e (2) as dicotomias definidoras nas quais o sistema estruturalista está baseado expressam distinções que não se sustentam após uma cuidadosa análise. Os pós-estruturalistas mantêm a crítica estruturalista do sujeito, negando ao sujeito qualquer papel importante na fundação da realidade ou no conhecimento que podemos ter dessa realidade. Mas, em oposição ao estruturalismo, eles também rejeitam a ideia de que um sistema de pensamento possa ter qualquer fundamentação lógica (em sua coerência interna, por exemplo). Para os pós-estruturalistas, não existe nenhuma fundação, de qualquer tipo, que possa garantir a validade ou a estabilidade de qualquer sistema de pensamento (GUTTING apud [PETERS, 2000, p. 39](#)).

Tomando o pressuposto de Gutting, podemos pensar que a estrutura de um sistema – em sua perspectiva lógica – deve ser definida sem ambiguidades, implicando que tais conceitos devam ser fundamentadas a partir de dicotomias ou em oposições binárias (como no caso de Saussure que distingue, por exemplo, *significante* e *significado*). O pós-estruturalismo, por sua vez, questiona o *status* privilegiado dessas distinções ou dicotomias: elas não são nem fundacionais nem exclusivas da forma que os estruturalistas supõem que elas sejam.

Os pós-estruturalistas, em sua crítica, afirmam que as democracias liberais modernas constroem suas identidades políticas com base em oposições binárias (cidadão/não-cidadão, legítimo/ilegítimo, nós/eles, etc.) que, por sua vez, tem por efeito excluir determinados grupos sociais e/ou culturais da vida comum. Algumas corren-

tes do pós-estruturalismo, portanto, se interessam não pelos sistemas que delimitam as relações desses grupos (sejam os incluídos ou os excluídos), mas, antes, em examinar as teias que formam essas fronteiras, em como foram elas construídas socialmente, como são mantidas, etc. Se debruça, sobre a desconstrução das hierarquias políticas que, portanto, se fundamenta e se legitima em oposições binárias.

Se existe um termo que denomina e distingue o pós-estruturalismo das demais vertentes, é o termo *différence* ou “diferença” que, nas palavras de Derrida, refere-se ao “movimento que consiste em diferir, por adiamento, delegação, prorrogação, dilação, rodeio, retardo, reserva”, mas também ao “desdobramento da diferença” (DERRIDA apud [PETERS, 2000, p. 43](#)) entre o Ser e os entes [fazendo uma alusão a Heidegger].

Sendo assim, podemos afirmar diante da construção histórica desses dois fenômenos que, com o desenvolvimento do estruturalismo, principalmente no final da década de 1950 e durante os anos de 1960, levou-se à institucionalização de um paradigma, digamos, transdisciplinar que tinha como sua base a linguística estrutural. Isso possibilitou, conseqüentemente, que humanidades e ciências humanas se integrassem em uma concepção demasiado cientificista.

Destaca-se, também, que o estruturalismo deve ser compreendido a partir da chamada “virada linguística” que, por sua vez, caracterizou a filosofia ocidental recente.

Essa virada representou uma vigorosa crítica tanto ao sujeito humanista, construído como um indivíduo autônomo, livre e criativo ou expressivo, quanto ao modelo de texto e de interpretação textual que tinha seu centro nesse “sujeito”, um mo-

delo que vinculava o significado do texto às intenções conscientes de seu suposto autor ([PETERS, 2000, p. 45](#)).

O pós-estruturalismo partilhou com seu imediato antecessor, como vimos, de um questionamento acerca do sujeito humanista e, inspirado tanto em Nietzsche quanto em Heidegger, divergiu do estruturalismo por conta tanto de suas pretensões científicas quanto de sua tendência totalizante.

Após 1968, por acaso das desconfianças acerca das ambições científicas do estruturalismo, instituiu-se um espécie de pluralismo de interpretações que, por sua vez, desviava o foco do então discurso-chefe do estruturalismo e promovia, conseqüentemente, uma diversidade significativa de interpretações por meio dos conceitos de *jogo*, *indeterminação* e *différence*.

É importante, quando se discute o pós-estruturalismo, reconhecê-lo como um movimento (no sentido musical do termo, talvez) ou como uma complexa trama formada de muitas e diferentes correntes. Podemos dizer também que o pós-estruturalismo, como um movimento, está em sua terceira ou quarta geração. Os efeitos teóricos do trabalho da primeira geração (Foucault, Derrida, Lyotard, Deleuze) são claramente evidentes em uma variedade de disciplinas, incluindo a filosofia, a sociologia, a política e os estudos culturais, entre outros. Se o pós-estruturalismo, em sua primeira e segunda gerações, pode ser visto como, em grande parte, um empreendimento francês, a situação agora é bem diferente: os pós-estruturalistas de terceira e quarta gerações (feministas, pós-colonialistas, psicanalistas, neofoucaultianos, neodeleuzianos, neoderrideanos) procuram desenvolver e aplicar o pensamento da primei-

ra geração em uma série de experimentos e de mutações teóricas, escapando a qualquer tentativa de uma definição única, porque o pensamento pós-estruturalista é uma obra em andamento ([PETERS, 2000, p. 46](#)).

REFERÊNCIAS

DOSSE, François. **History of Structuralism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

FOUCAULT, Michel. Estruturalismo e pós-estruturalismo. In: MOTA, M. (Org.). **Michel Foucault Ditos e Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **Microfísica do Poder**. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

HARLAND, Richard. **Superstructuralism: the philosophy of structuralism and post-structuralism**. Londres; Nova York: Methuen, 1987.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2000.

PIAGET, Jean. **Le Structuralism**. Londres: Routledge & Kegan Paul, [1968] 1971.

SARTRE, J-P. **L'existencialisme est un humanisme**. Paris: Éditions Gallimard, 1996.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. Paris: Payot, 1971.

STRAUSS, Lévi. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

TRUBETZKOY, Nicolai Sergeievich. **Princípios de Fonologia**. Madrid: Editorial Cincel, 1973.

WAUGH, Linda, R.; MONVILLE-BURSTON, Monique. **On Language**: Roman Jakobson. Cambridge; Mass.: Harvard University Press, 1990.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Artigo **recebido** em 03 de julho de 2015.

Avaliado em 14 de outubro de 2015.

Aceito em 13 de novembro de 2015.

Publicado em 16 de novembro de 2015.

Como citar este artigo (ABNT):

BRANDÃO, Ramon Taniguchi Piretti. Estruturalismo e pós-estruturalismo: uma arqueologia dos conceitos e o lugar ocupado por Foucault. **Estação Científica (UNIFAP)**, Macapá, v. 5, n. 1, p. 33-46, jan./jun. 2015.